

O Corpo Modificado Cirurgicamente e a Felicidade Feminina: Uma Análise do Perfil @minhacirurgioplastica no Instagram¹

Mariana Leoratto SEVERO²

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

Resumo

Este artigo pretende refletir sobre a felicidade feminina atrelada ao ideal de corpo perfeito esculpido cirurgicamente e, posteriormente, midiaticizado na rede social Instagram. A partir de três postagens e comentários do perfil @minhacirurgioplastica, pretende-se analisar e refletir quais são os elementos do corpo feminino modificado por cirurgias plásticas que estão atrelados aos ideais de felicidade.

Palavras-chave: felicidade; corpo; feminino; cirurgia plástica; Instagram.

Introdução

Modificar o que é considerado feio, velho e fora do padrão idealizado pela estética é algo comum no imaginário do Brasil. O “estica, suga e implanta” rendeu ao país o *ranking* de campeão em cirurgias plásticas no mundo em 2014³, realizando cerca de 1,49 milhões de procedimentos estéticos, ultrapassando os Estados Unidos, país famoso pelas cirurgias. Exclusivamente por si só, a questão da cirurgia plástica já merece grande destaque, mas o fato de que 87,2% dos procedimentos sejam feitos por mulheres significa muito mais do que apenas uma preferência nacional.

Ser mulher em uma sociedade dita patriarcal – em que homens possuem poder simbólico, público e político sobre mulheres – explica bastante acerca destes moldes em que mulheres necessitam se encaixar. Com ou sem estes – o que se parece uma prisão sem saída-, a vida feminina se torna bastante árdua e é por esse motivo que uma mulher se considerar feminista e lutar contra os padrões impostos por esses moldes causa incômodo. Afinal, “uma feminista incomoda não só por falar de temas infelizes, tais como sexismo,

¹ Trabalho apresentado no GP Cibercultura do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, email: mari.leoratto@gmail.com.

³ Fonte: <http://veja.abril.com.br/noticia/saude/brasil-lidera-ranking-mundial-de-cirurgias-plasticas>. Acesso em: 03/04/2016.

mas por expor como a felicidade geralmente é sustentada” (AHMED, 2010, p.582)⁴. No entanto, mesmo com o número ascendente de mulheres empoderadas, “estraga prazeres” e conscientes da imposição estética sobre seus corpos, os números das correções corporais femininas aumentam esporadicamente, e isto se deve ao fato de que a socialização feminina é bastante enraizada até mesmo nas atitudes daquelas que lutam contra o padrão.

Com o advento das redes sociais *online* e dos sites de redes sociais, os indivíduos passaram a ter um comportamento em rede, que abrange interação, conexão e construção subjetiva. Postar fotografias e textos sobre si se tornou uma prática bastante comum nessas plataformas, tendo, cada uma delas, especificidades próprias. O aplicativo e rede social Instagram tem, em seu cerne, foco imagético, sendo esta uma das redes sociais mais ligadas à estética. Além disso, o Instagram possui a fama, no senso comum da *web*, de ser a rede social da felicidade, em que elementos vistos como positivos são exaustivamente postados pelos usuários.

Esta fama criada pela rede culminou em diversos textos, artigos e matérias pela internet, como “Jovem popular no Instagram mostra que vida perfeita não é real⁵”, “Ela cansou de ser famosa no Instagram e desmascarou a ideia de 'vida perfeita' na rede social⁶” e “Blogueira que desistiu de mostrar vida perfeita nas redes sociais agradece 'apoio mundial⁷”, que pretendem “desmascarar” a farsa da vida perfeita criada no Instagram. Como os assuntos sociais são conectados, não é de se surpreender que a grande maioria destas pessoas que constroem uma vida feliz e perfeita no Instagram também são mulheres. Dessa forma, surgem perfis de musas *fitness*, blogueiras de moda e mulheres comuns, todas elas, “unidas” por uma “causa”: ditar modelos de ser e de viver, esbanjando autoestima, confiança e, principalmente, corpos perfeitos.

Como consequência deste modelo de funcionamento, perfis específicos sobre cirurgias plásticas acabam surgindo nesta rede social e é objetivo do presente artigo analisar um deles, chamado “minha cirurgia plástica”. Composto por diversos relatos, em quase toda totalidade enviado por mulheres, o perfil engloba os mais diferentes tipos de procedimentos

⁴ Tradução livre feita pela autora. Trecho original: “The feminist subject in the room hence bring others down, not only by talking about unhappy topics such as sexism but by exposing how happiness is sustained” (AHMED, 2010, p.582).

⁵ Disponível em: <http://www.tvi24.iol.pt/tecnologia/essana-o-neill/jovem-popular-no-instagram-mostra-que-vida-perfeita-nao-e-real>. Acesso em: 03/04/2016.

⁶ Disponível em: http://www.brasilpost.com.br/2015/11/03/segredo-celebridades_n_8460676.html. Acesso em: 03/04/2016.

⁷ Disponível em: <http://www.correio24horas.com.br/detalhe/noticia/blogueira-que-desistiu-de-mostrar-vida-perfeita-nas-redes-sociais-agradece-apoio-mundial/?cHash=5b6a2176fa6f18d99fd6accfbfcfe88d2>. Acesso em: 03/04/2016.

estéticos, como implante de silicone nos seios, mastopexia, rinoplastia, gluteoplastia, lipoaspiração, dentre outros. A partir da contextualização realizada, o presente artigo pretende analisar três postagens do perfil @minhacirurgiaplastica – e os principais comentários - e debater acerca do ideal de felicidade feminina ligado ao corpo modificado por cirurgias plásticas.

A felicidade e a felicidade feminina

O tema felicidade é um assunto bastante contemporâneo e as redes sociais como o Instagram parecem impor uma “ditadura” da vida perfeita para as pessoas, principalmente para as mulheres. Entretanto, o que realmente se percebe é que o tema não é algo novo, já que foi amplamente debatido e contextualizado por entre os séculos da história e pelos mais diversos prismas e olhares.

Mas qual seria a felicidade da contemporaneidade, já que o conceito passou por tantas metamorfoses ao longo do tempo? Diferentemente da ligação com a salvação da alma, o alcance da vida eterna ou o bem geral social, dentre outros aspectos, a felicidade na contemporaneidade é totalmente ligada ao indivíduo. “Ela está “dentro de cada um”, “ao alcance de cada um”, e é resultado de um investimento pessoal. Esta é a privatização da felicidade que alcançamos nas últimas décadas” (FRANÇA, 2010, p.217). Essa privatização da felicidade acaba transferindo totalmente a responsabilidade pela felicidade para as atitudes do indivíduo, o que o motiva, mas com a mesma força, o atormenta.

Esta lógica contemporânea da felicidade como responsabilidade individual, surgida com os romanos, foi consolidada fortemente a partir do século XVIII. A partir deste século havia cada vez mais espaço para que os indivíduos percebessem que eram os únicos responsáveis pelo o que almejavam.

[...] apenas no século XVIII os seres humanos assumiram a responsabilidade exclusiva pela felicidade, deixando de lado tanto Deus como a sorte, cortando os laços que havia tanto tempo ligavam a felicidade a forças sobre as quais não temos nenhum controle. Talvez tenha sido essa recusa (ou talvez a incapacidade) de suportar o peso total da felicidade que sustentou a louvada coragem do homem antigo, protegendo-o de um ônus que é peculiarmente moderno: o peso que colocamos sobre aqueles que não somente sofrem, mas que sofrem porque fracassaram em ser felizes (MCMAHON, 2006, p. 80).

Foi a partir deste século que a felicidade realmente passou a ser usufruída como um estilo de vida. A vida terrena passou a ser vista como um grande local em que se poderia

cultivar a felicidade, a riqueza, a fartura e os prazeres. “Os europeus do século XVIII ergueram vastos “jardins das delícias”, aos quais homens e mulheres podiam ir com o simples propósito de divertir-se” (MCMAHON, 2006, p. 212). Nestes locais, era possível o contato social a partir de recreações, jogos, danças e bebidas, e até mesmo “a própria palavra *fun* era uma relativa novidade, [...] variação do inglês médio *fon*, que significava palhaço ou bobo” (MCMAHON, 2006, p.212). Todos estes exemplos ilustram que no século XVIII o deleite feito por um mundo feito pelos humanos não é nenhuma afronta à Deus, mas sim o exercício da vontade dele a partir daqueles que ele criou.

No entanto, muito mais que apenas diversão, o século XVIII fez desabrochar a independência dos indivíduos, que não precisavam mais contar com a sorte que Deus lhes daria – pois este já os deu passagem livre para viver a felicidade terrena a partir da graça divina dos desfrutes terrenos, como uma prévia do paraíso. “Em um mundo aparentemente menos sujeito às reviravoltas devastadoras da sorte ou à mão irada de Deus, tornou-se possível imaginar um avanço mais feliz pelo caminho da vida” (MCMAHON, 2006, p. 219). É importante ressaltar que todo esse desfrute foi possível a partir do amplo crescimento econômico da época, que acabou roubando “[...]o poder de explicações tradicionais que destinavam a vida a um sofrimento inevitável” (MCMAHON, 2006, p. 219). Sendo a vida não mais um martírio e estando o poder de mudança nas mãos daqueles que a vivem, se desliga a ideia de sorte e destino e se legitima o prazer como enfoque principal.

A partir da privatização da felicidade, este indivíduo contemporâneo acaba se tornando completamente responsável pela felicidade que deve cativar. Não obstante, para ser um ser humano completo, este deve autocentrar sua vida para a realização de um projeto feliz.

Estar feliz implicaria, então, estar de fato satisfeito, de forma que ao indivíduo nesta condição não faltaria nada, pois este estaria, então, completo. Portanto a ideia de felicidade pressupõe um estado de plenitude estética para o indivíduo, que se definiria pelo estado do prazer (BIRMAN, 2010, p.30).

Ao estar somente por si no mundo – sem mais poder contar com apoio divino e nem de grandes projetos - “o indivíduo torna-se um gestor de si. A felicidade, que era uma aspiração, tornou-se seu dever” (BEZERRA JR, 2010, p.118). Esta gestão de si acaba se tornando por si só um grande projeto de vida do indivíduo, que, ao investir em si mesmo acabaria sendo recompensado, conquistando pleno controle sobre si mesmo.

A ideia de autogestão e individualidade é essencial para conceituar felicidade para o indivíduo contemporâneo, no entanto, estas são características que não fazem recorte de gênero. Dessa forma, ao caracterizarmos o indivíduo contemporâneo apenas por esse prisma, estamos ignorando as particularidades de ser mulher e da feminilidade nesta sociedade.

Logo no início da maior obra acerca da mulher, Simone de Beauvoir enfatiza que “a relação dos dois sexos não é a das duas eletricidades, de dois polos. O homem representa a um tempo o positivo e o neutro, a ponto de dizermos "os homens" para designar os seres humanos” (BEAUVOIR, 1970, p.9). Dessa forma, podemos intuir que, quando qualquer conceito é cunhado ou estudado de maneira neutra, geralmente ele irá se apoiar em conceitos ligados ao homem e ao masculino. Falar sobre mulher se torna, então, uma particularidade com necessidades próprias e exclusivas que não dizem respeito ao universo masculino. O contrário, no entanto, acontece: quando o masculino se torna também sinônimo de neutralidade – afinal, quando falamos “dos homens”, também podemos estar nos referindo à humanidade no geral – a mulher pode ser englobada em seus termos. Quando isto acontece, entretanto, se perdem muitas das características que a sociedade imprime às mulheres, e não as estudar só corrobora para o apagamento do feminino na história geral.

Sendo assim, entendemos que, em se tratando de felicidade, a mulher, além de estar incluída neste universo por nós já explicitado, possui particularidades referentes à sua socialização, vista como o segundo polo. “A humanidade é masculina e o homem define a mulher não em si mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo” (BEAUVOIR, 1970, p.10). Esta citação de Beauvoir já contradiz um aspecto importante dos estudos gerais da felicidade contemporânea: a da autonomia do sujeito. Será o sujeito feminino também autônomo e autocentrado atualmente? Segundo Sara Ahmed (2010), sim, a mulher deve ser autêntica, mas a felicidade na contemporaneidade se tornou um manual de instruções que deve ser seguido à risca, incluindo também este aspecto. As redes sociais *online*, curiosamente, seguem esta lógica de manual. Para a autora, a felicidade feminina está ligada à dogmas que lhes foram impostos ao longo de sua socialização, muitas vezes ligada não a sentimentos, mas a “objetos” que trazem felicidade, como casamento, filhos (AHMED, 2010). Contextualizando com a temática do artigo, a felicidade ligada a um corpo perfeitamente esculpido é mais um destes “objetos” em que mulheres devem encaixar suas vidas para serem felizes. Isso não significa que a essência do corpo seja um “objeto” –

mesmo este sendo muitas vezes tratado assim pela sua midiaticização – mas sim que o corpo acaba se deslocando de seu lugar orgânico, ligado à pessoa e ao *self* e passa a ser visto como uma entidade exterior que deve ser almejada, assim como um casamento, com perfeição.

Corpo, imagem e subjetividade no ambiente *online*

No tópico anterior, percebemos a extrema ligação da felicidade ligada à ação individual de autogestão e, bifurcando para a felicidade feminina, à necessidade de conectar a felicidade da mulher a “objetos” exteriores a ela mesma, transformando o corpo, seu por natureza, em algo extrínseco por socialização. Sendo assim, o corpo feminino vive a dicotomia de ser o que é: feito de carne e perecível à ação do tempo – e ser o que deve ser, de acordo com as normas sociais: feminino, esculpido, purificado.

Assim, em nome de valores bem contemporâneos, como a autoestima e a felicidade, a carne humana é obstinadamente submetida a um conjunto de técnicas de modelagem corporal, que demandam enormes doses de esforço, tempo e dinheiro. Tudo isso na tentativa de atingir uma das metas mais desejadas do momento: criar para si um “corpo perfeito”. (SIBILIA, 2010, p.197).

O corpo é, acima de tudo, a comprovação da carne e do caráter perecível da vida; é também o lugar em que se encarnam as percepções e onde o mundo acontece. “O corpo é uma espécie de escrita viva no qual as forças imprimem “vibrações”, ressonâncias e cavam “caminhos”. O sentido nele se desdobra e nele se perde como num labirinto onde o próprio corpo traça os caminhos” (LE BRETON, 2003, p.11). Por ser a prova das imperfeições da vida e da certeza da morte, o corpo acaba agregando a si um valor negativo, encarnação do mal. “O diabo, portanto, não está mais no social, em nossa história, em nosso meio ambiente, está em nós reitificado em nossos genes. Uma vez que já se sabe onde está o diabo, pode-se expulsá-lo e tornar-se angélico” (SFEZ, 1996, p. 312). A expulsão do mal, do diabólico, é então a única saída para a alma se livrar do corpo que a aprisiona como uma vítima e é por esse motivo que vemos a constante desencarnação do corpo na contemporaneidade.

Quando o corpo se dissocia da sua carne ele acaba sendo considerado como um em si e passa por diversos cortes, edições e purificações para escapar dos limites da carne e atingir uma pureza técnica (SFEZ, 1996). Este modelo é o “humano quase perfeito, realização última do corpo-máquina, que pretende então escapar do envelhecimento, da

precariedade e da morte. Eis-nos aqui bem perto da saúde perfeita e talvez mesmo da super-humanidade” (SFEZ, 1996, p.281). No entanto, quando a mulher – e enfatizaremos o feminino aqui, pois, como explicitamos na introdução, quase 90% das cirurgias plásticas feitas no país são feitas por mulheres - não consegue se dissociar da carne, ao menos faz de tudo para tentar atingir a perfeição, seja a partir de dietas ou cirurgias plásticas, pois “não é mais o caso de contentar-se com o corpo que se tem, mas de modificar suas bases para completá-lo ou torná-lo conforme à ideia que dele se faz” (LE BRETON, 2003, p.22). Sem estes artifícios para purificar a carne, o corpo é decepcionante e insuficiente para atingir a felicidade.

A questão do corpo e da imagem na contemporaneidade perpassa, sem dúvida, o ambiente *online*, já que este é presença constante na vida das pessoas e as redes sociais *online* são um reservatório de interações mediadas por imagens. “A utopia do ciberespaço suscita o desejo de transcendência que vai além do espaço dos corpos” (BELTING, 2010, p.50)⁸, o que significa que, ao se retratar no ambiente *online* através da imagem corporal, o usuário modifica a sua percepção acerca de si mesmo e dos limites que pode atingir.

A grande questão é que o humano “de carne e osso”, como foi dito anteriormente, é fundador e receptor de imagens, então este novo contexto acaba envolvendo as pessoas “em processos dinâmicos em que suas imagens são transformadas, esquecidas, redescobertas e com significado alterado (BELTING, 2010, p. 74)⁹. A imagem que contorna o corpo humano o preenchendo de simbologias agora perpassa pelos *bits* da tela do computador e do celular e se retrata a partir de fotografias que proporcionam a existência de uma interação. “A navegação na Internet ou a realidade virtual proporciona aos internautas o sentimento de estarem presos a um corpo estorvante e inútil ao qual é preciso alimentar, do qual é preciso cuidar, ao qual é preciso manter” (LE BRETON, 2003, p.24). No entanto, também percebemos que este corpo é ao mesmo tempo cultuado, “*photoshopado*” e, quando possível, esculpido cirurgicamente para que o terror da carne não lhe assombre.

Pretendemos ser perfeitos não só pelo medo do perecível, mas também para melhor nos representar acerca do outro, ponto essencial da interação *online*. Há a necessidade de se construir um ‘eu’ que dê a coerência necessária para um corpo já dissociado da pessoa que o porta, pois “as fronteiras do corpo que são simultaneamente os limites de identidade de si,

⁸ Tradução livre feita pela autora. Trecho original: “La utopía de cyber-space requiere de deseos de na transcendencia más allá del espacio de los cuerpos” (BELTING, 2010, p.50).

⁹ Tradução livre feita pela autora. Trecho original: “En tanto fundadoras y herederas de las imágenes, las personas se encuentran involucradas en procesos dinámicos en los que sus imágenes son transformadas, olvidadas, redescubiertas y cambiadas de significado” (BELTING, 2010, p. 74).

despedaçam-se e semeiam a confusão” (LE BRETON, 2003, p.26). Entendemos, no entanto, que esta coerência é contraditoriamente construída a partir de fragmentos deste corpo expresso nas e pelas imagens. “Sua fragmentação é consequência da fragmentação do sujeito. O corpo é hoje um desafio político importante, é o analista fundamental de nossas sociedades contemporâneas” (LE BRETON, 2003, p.26).

A subjetividade nas redes sociais *online* é construída a partir de um corpo fragmentado que deseja se tornar atraente ao olhar do outro. “Isso nos leva a considerar a importância primordial do retrato nesse jogo de identidades através da imagem” (CATALÀ DOMÈNECH, 2011, p. 243/244). A imagem desse corpo precisa alimentar as expectativas que o outro nutre por ele e isto é feito a partir de imagens que transbordam o editado, vendendo o eu “rococó¹⁰” ideal e a vida que deveria ser vivida.

Trata-se, então, de satisfazer essa sociabilidade a mínima baseada na sedução, isto é, no olhar dos outros. O homem alimenta seu corpo – percebido com sua melhor exploração – uma relação bem materna de indulgência terna, da qual extrai ao mesmo tempo um benefício narcisista e social, pois sabe que é a partir dele, em certos meios, que o juízo dos outros se estabelece. Na modernidade, a única consistência do outro é muitas vezes a de seu olhar, o que resta quando as relações sociais se tornam mais distantes, mais comedidas. Essa paixão repentina pelo corpo é uma consequência da estruturação individualista de nossas sociedades ocidentais, sobretudo em sua fase narcisista” (LE BRETON, 2003, p.53).

Esta paixão pelo corpo, em seu âmbito mais perverso, revela a sombra do ego, a necessidade de, na verdade, construir o belo, o narciso, por medo do diabólico. “O Eu se fragmenta ao mesmo tempo em que aparece a representação da parte negativa desse Eu” (CATALÀ DOMÈNECH, 2011, p. 249). A fragmentação existe, então, para que o diabólico seja abolido dessa construção subjetiva. E, anatomicamente falando, é impossível um corpo se fragmentar, literalmente, em pedaços. As imagens nas redes sociais, no entanto, permitem esta fragmentação corporal, fazendo com que o que é ruim seja expulso e o que é bom, exaltado.

“Essa padronização da identidade fragmentada traz consigo, no entanto, a culminação da crise da representação clássica da personalidade. A imagem já não pode servir de espelho em cuja superfície se forma uma identidade homogênea” (CATALÀ DOMÈNECH, 2011, p.249). A construção, posicionamento de imagens e corporalidade nas

¹⁰ Movimento artístico do século XVIII associado a fórmulas decorativas e ornamentais de cores suaves, linhas curvas que se caracterizou por expressar o hedonismo de uma sociedade que buscava a felicidade, a alegria de viver e os prazeres sensuais; a vida perfeita.

redes sociais *online* dependem “do que o autor pensa sobre si mesmo, mas oferecendo-a a outro, a um olhar que julga. O autor pretende extrair do olhar objetivo do Outro a constatação de que seu Eu ideal, seu outro, é fidedigno” (CATALÀ DOMÈNECH, 2011, p. 247).

Todos esses fenômenos acerca do corpo expresso nas imagens do ambiente *online* demonstram a urgência que o humano tem em suprir a ausência de referencial sobre si mesmo e sobre o medo que se tem do caráter perecível da vida. “Para muitos contemporâneos, o corpo tornou-se uma representação provisória, um *gadget*, um lugar ideal de encenação de “efeitos especiais”” (LE BRETON, 2003, p.28). Este corpo do narciso, projetado para a perfeição, só maquia todas as inseguranças típicas da carne.

Instagram, o perfil @minhacirurgiaplastica e os ideais de felicidade feminina atrelados ao corpo

Cada rede social *online* existente possui um elemento de diferenciação em relação aos outros tipos. O Instagram, no caso, se diferencia por ser a rede social *online* mais enfática com as imagens e o apelo estético. O aplicativo surgiu no dia 6 de outubro de 2010 e foi desenvolvido por dois engenheiros de programação: o norte-americano Kevin Systrom e o brasileiro Mike Krieger. O Instagram foi desenvolvido, primeiramente, para funcionar na plataforma iOS¹¹, sistema operacional implementado nos aparelhos da *Apple*, o que segmentava o público do Instagram apenas para aqueles que possuíam aparelhos da marca. Em abril de 2012, começou a funcionar em aparelhos com o sistema *Android*¹², iniciando, assim, a popularização do aplicativo. O Instagram, portanto, é um aplicativo que é utilizado somente por usuários desses tipos de *smartphones*¹³ e *tablets*¹⁴. Para obtê-lo, o usuário poderá baixar o aplicativo no seu aparelho e fazer um cadastro no site. Depois de feito o cadastro, o indivíduo cria um nome de usuário, que passa a identificá-lo aos outros, e, quando todas as etapas forem feitas, o usuário pode tirar fotos com o seu *smartphone* e hospedá-las no Instagram.

¹¹ iOS é o sistema operacional móvel da Apple, que pode ser apenas utilizado em aparelhos da marca.

¹² *Android* é um sistema operacional de dispositivos móveis que surgiu como concorrente direto do *iOS*. O sistema

Android funciona nas mais diversas marcas de celulares e assemelhados, como HTC, *Samsung*, *Sony*, *Motorola*, *LG* e Positivo Informática.

¹³ São celulares com sistemas operacionais que permitem incluir aplicativos, além de conectar redes de dados para acesso à internet.

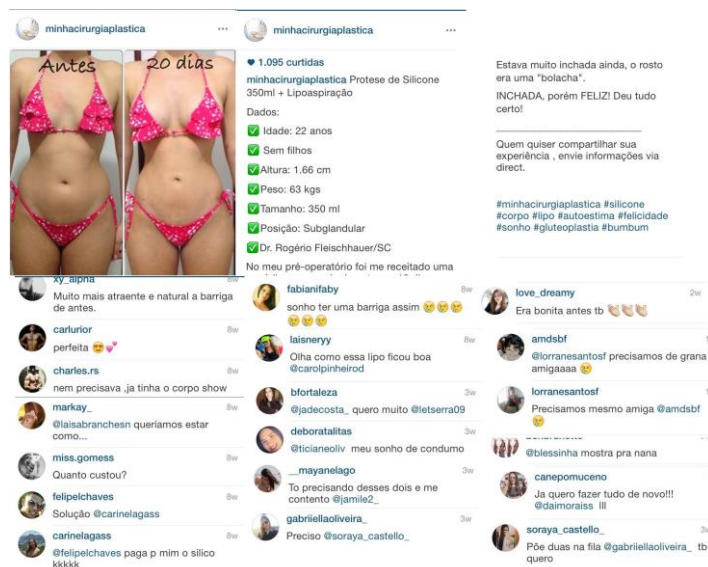
¹⁴ Espécie de computador portátil em forma de prancheta com tela sensível ao toque.

Entretanto, não só indivíduos constroem perfis no aplicativo. Com sua constante popularização, perfis de empresas e de grupos de interesse em comum foram surgindo, como é o caso o objeto de pesquisa do presente artigo. O perfil @minhacirurgiaplastica traz um compilado dos mais diversos procedimentos cirúrgicos ligados à estética, sendo as postagens, em sua grande maioria, de mulheres. O perfil tem natureza agregadora de relatos, o que significa que são as moças submetidas aos procedimentos que enviam seus relatos para serem postados na página. A página conta, atualmente, com uma média de 50 mil seguidores e 300 postagens.

A análise será baseada a partir de 3 postagens feitas nos dias 25 e 27 de fevereiro que possuíam a *hashtag* felicidade atrelada à postagem e os comentários que foram considerados mais relevantes. Não foram feitos *printscreens* inteiros das postagens por não se julgar todo o conteúdo relevante: os das postagens por serem mais descritivas acerca das cirurgias, e o dos comentários por serem apenas marcações ou conteúdos que não acrescentariam para o debate.

A primeira postagem (Figura 1) foi feita no dia 25 de fevereiro de 2016. Retrata o antes e depois de uma moça de 22 anos após ser submetida à lipoaspiração e implante de silicone. A postagem atingiu 1095 curtidas e 48 comentários.

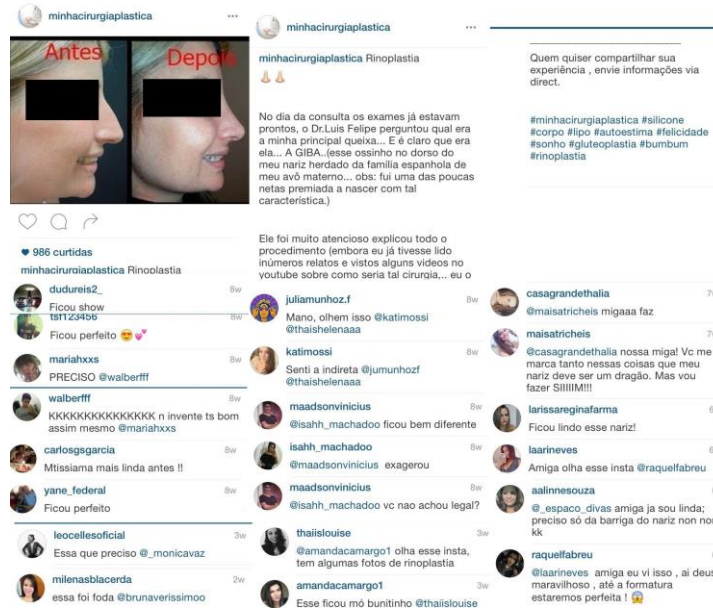
Figura 1: Primeira postagem a ser analisada e os principais comentários. Cirurgia de lipoaspiração e prótese de silicone



Fonte: Instagram @minhacirurgiaplastica: <https://www.instagram.com/minhacirurgiaplastica/>

A segunda postagem (Figura 2) também foi feita no dia 25 de fevereiro de 2016. Retrata o antes e depois de uma moça após ser submetida à rinoplastia. A postagem atingiu 986 curtidas e 51 comentários.

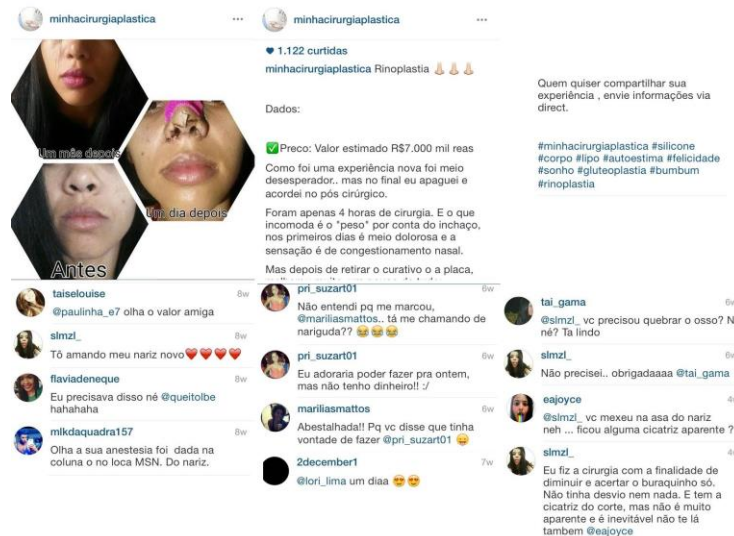
Figura 2: segunda postagem a ser analisada e os principais comentários. Cirurgia de rinoplastia



Fonte: Instagram @minhacirurgioplastica: <https://www.instagram.com/minhacirurgioplastica/>

A terceira postagem (Figura 3) foi feita no dia 27 de fevereiro de 2016. Também retrata o antes e depois de uma moça após ser submetida à rinoplastia. A postagem atingiu 1122 curtidas e 18 comentários.

Figura 3: Terceira postagem a ser analisada e os principais comentários. Cirurgia de rinoplastia



Fonte: Instagram @minhacirurgioplastica: <https://www.instagram.com/minhacirurgioplastica/>

O primeiro aspecto a ser percebido é a alta quantidade de curtidas das fotos: todas giram em torno de mil e possuem boas interações. O conteúdo da postagem da Figura 1 foi o único que trouxe a felicidade em seu discurso – sem contar a análise das *hashtags*, que será feita posteriormente. Para a operada, que implantou silicone e fez lipoaspiração, o sofrimento causado pela cirurgia é um aspecto importante para que a felicidade seja alcançada. Dizer que está inchada – um fato, para ela, negativo – é o ônus que existe para que a felicidade exista. É o lema “*no pain, no gain*” (sem dor, sem ganho) típico de quem cultua o corpo.

Para estarmos à altura dessas imagens ideais é necessário sofrer — apesar de todas as atualizações tecnológicas nos aparelhos do conforto e nas drogas tendentes a reduzir a dor —, pois nestes territórios ainda parece vigorar o clássico lema puritano: *no pain, no gain*. Sem dor, nada se ganha. Em nome de motivos sempre elevados é preciso purificar o próprio corpo, sacrificando a carne imperfeita graças às diversas técnicas neoascéticas à venda (SIBILIA, 2010, p. 209).

Esse discurso de aceitação do sofrimento o trata como parte do corpo, que necessita passar pelo sofrimento para ser esteticamente aceito. Este discurso força mulheres modificarem seus corpos por medo da falta de colágeno, elasticidade e da ação do tempo. Afinal, a moça operada tem 22 anos e nem mesmo possuía marcas da ação do tempo impressas em seu corpo. Percebemos, portanto, que a fuga da imperfeição é um valor introduzido e normatizado na mentalidade das mulheres que figuram este perfil.

Já os principais comentários da Figura 1 giram em torno de dois pilares principais: aqueles que criticam a cirurgia - homens - a considerando desnecessária. Como, por exemplo, os comentários de Charles_rs: “@charles_rs nem precisava, já tinha o corpo show” e de Xy_alpha: “@xy_alpha muito mais atraente e natural a barriga de antes”. Curiosamente, o nome do último comentador – Xy_alpha - exalta masculinidade e corrobora, conseqüentemente, com o papel masculino que diga regras sobre o corpo feminino, sejam elas pró ou contra procedimentos. Constata-se que o homem, a partir desta pequena análise, prefere um corpo mais “natural”, desde que este já esteja dentro dos padrões vigentes.

O segundo pilar é o das admiradoras. A grande maioria dos comentários femininos giraram em torno do corpo postado como “sonho de consumo” e necessidade, como “Deboratalitas”: “@deboratalitas @ticianeoliv meu sonho de consumo”, “_Mayanelago”: “@_mayanelago To precisando desses dois e me contento @jamil2_”. O corpo é então visto como a mercadoria a ser almejada, como o “objeto” em que a felicidade reside. Não basta e não pode ser o corpo que se carrega, mas sim o outro, impresso virtualmente, que

mostra o ideal de perfeição a ser alcançado. Alguns comentários femininos também ligados à admiração foram feitos em tom de tristeza, como “Fabianifaby”: “@fabianyfabby sonho ter uma barriga assim (*emojis*¹⁵ chorando)” e “Amdsbf”: “@amdsbf @precisamos de grana amigaaaa (*emoji triste*)”. Estas comentaristas representam àquelas que sofrem pelo padrão corporal ideal e sabem que ele é praticamente inatingível, principalmente porque este requer um poder aquisitivo inalcançável, culminando em tristeza.

As Figuras 2 e 3, além de serem referentes ao mesmo tipo de cirurgia plástica – rinoplastia –, também contaram com interações bastante parecidas. Ambas as postagens foram mais descritivas, mas a moça da Figura 2 ainda enfatiza que, pela origem espanhola de seus familiares, acabou nascendo com o nariz grande. Em ambas as postagens existem pessoas que admiram o resultado e que almejam fazer, como “Mariahxxs”, que comentou: “@mariahxxs PRECISO @walberfff” e os que elogiam usando a palavra perfeição, como “Yane_federal”: “ficou perfeito”. Existe, no entanto, uma minoria que preferia antes ou achou exagerado, assim como na Figura 1, como “Isahh_machadoo”, ao responder uma marcação: “@isahh_machadoo exagerou”.

No entanto, o interessante no compilado de comentários ligados à rinoplastia são a quantidade de pessoas que marcam as amigas nos comentários e estas, porventura, se ofendem. Na Figura 2, “Katimossai”, por exemplo, respondeu a marcação que fizeram com seu nome com “@katimossai senti a indireta”; já “Maisatricheis” comentou: “@maisatricheis @casagrandethalia nossa, miga! Vc me marca tanto nessas coisas que meu nariz deve ser um dragão. Mas vou fazer SIIIIIM!!!”; “Aalinnesouza” também respondeu o perfil que a marcou com certa indignação: “@aalinnesouza amiga já sou linda; preciso da barriga do nariz non non kk”. Já na Figura 3, com bem menos comentários, mesmo assim trouxe o mesmo aspecto, como o comentário de “Pri_suzart01”: “@pri_suzart01 Não entendi pq me marcou, @mariliasmattos, ta me chamando de nariguda??? (*emoji chorando de rir*)”.

Acreditamos que a ofensa com as marcações, geralmente feitas por amigas, denotam muito mais insegurança daquelas em que são marcadas do que certa agressividade. A face, nossa porta de entrada para os outros, quando não corresponde os ideais de beleza vigentes – como, para as mulheres, um nariz pequeno e fino, caucasiano – causa desconforto para aqueles que interagem e insegurança para aqueles que recebem a crítica. Já as partes corporais que não estão ligadas à face, como os seios e a barriga, não é tão incômoda aos

¹⁵ São pictogramas ou ideogramas (imagens ícone) que transmitem a ideia de uma palavra ou frase completa.

olhos, pois geralmente está coberta. Dessa maneira, é completamente compreensível as reações ariscas de quem recebeu esse “toque amigo”, pois a ninguém apetece possuir elementos que incomodem a terceiros e, muito menos, a si mesmos.

O interessante, nas três postagens, foi o uso da *hashtag* felicidade. O perfil @minhacirurgiaplastica atrela o ato de modificar o corpo com cirurgias como uma busca pela felicidade. O perfil demonstra para suas seguidoras que, ao modificar aquilo que incomoda em seu corpo, podemos alcançar a felicidade, esta tida como produto final e conquistada com dor e sofrimento. Além da *hashtag* felicidade, outras como “autoestima” e “sonho” são juntamente postadas, atrelando esses valores como constituintes de um corpo alinhado com os ideais de felicidade. Para somar a todos esses elementos, o perfil @minhacirurgiaplastica acrescenta *hashtags* “silicone”, “rinoplastia”, “gluteoplastia”, “lipoaspiração”, dentre outras, como equivalentes às outras.

Considerações finais

A partir da análise de três postagens do perfil @minhacirurgiaplastica, percebemos que as mulheres ainda se encontram aprisionadas nos ideais de perfeição aos quais lhes foram delegados. A autenticidade do indivíduo contemporâneo está, para a mulher, ligado à construção de um *self* pautado na perfeição corporal e, conseqüentemente, com a impressão do mesmo em sites de redes sociais online como o Instagram. A mulher pode sim e deve ser autêntica, mas esta autenticidade não a liberta dos dogmas que geram dor e sofrimento muito mais do que felicidade. É, por isso mesmo, que a dor é vista positivamente na contemporaneidade, pois ela é o caminho para a gloriosa felicidade em ter um corpo esculpido por aparelhos médicos.

O Instagram, por ser um ambiente que permite narrativas de um ideal de vida perfeita para as mulheres, faz com que o surgimento do perfil @minhacirurgiaplastica na plataforma representa um manual que deve ser seguido. Assim, posteriormente, quando aquele corpo feminino já estiver conforme às regras da estética, ele pode ostentar em seus próprios perfis a perfeição à prova do tempo e da gravidade. As imagens possuem poder de eternizar a carne como se esta não fosse feita de vida. Conserta-se a carne primeiro e eterniza-se a carne em imagem virtual, posteriormente. Assim, a vida feminina se torna mais fácil e mais feliz, transformando toda a enorme dor do processo – dor física e psicológica – como “parte do jogo” da tão clamada feminilidade, que de natural nada possui.

Referências

- AHMED, Sara. **Killing joy: feminism and the history of happiness**. Signs: Journal of Women in Culture and Society, v. 35, n. 3, p. 571-594, 2010.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo sexo**. Difusão Europeia do Livro, São Paulo. 1970.
- BELTING, Hans. **Antropologia de la imagen**. Katz Editores, Madrid 2010.
- BEZERRA JR, Benilton. **A psiquiatria e a gestão tecnológica do bem-estar**. In: Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade / Organizador João Freire Filho. — Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. 296 p.
- BIRMAN, Joel. **Muitas felicidades?! O imperativo de ser feliz na contemporaneidade**. In: Ser feliz hoje : reflexões sobre o imperativo da felicidade / Organizador João Freire Filho. — Rio de Janeiro : Editora FGV, 2010. 296 p.
- CATALÀ DOMÈNECH, Josef. M. **A Forma do Real: Introdução aos Estudos Visuais**. Summus, São Paulo, 2011.
- FRANÇA, Vera V. **“A felicidade ao seu alcance”: que felicidade, e ao alcance de quem, afinal?** In: Ser feliz hoje : reflexões sobre o imperativo da felicidade / Organizador João Freire Filho. — Rio de Janeiro : Editora FGV, 2010. 296 p.
- LE BRETON, David. **Adeus ao Corpo. Antropologia e Sociedade**. Editora Papirus, Campinas, 2003.
- MCMAHON, Darrin. **Felicidade: Uma história**. Editora Globo, Rio de Janeiro, 2006.
- SFEZ, Lucien. **A Saúde Perfeita. Crítica de uma nova utopia**. Editora Loyola, São Paulo, Brasil, 1996.
- SIBILIA, Paula. **Em busca da felicidade lipoaspirada: agruras da imperfeição**. In: Ser feliz hoje : reflexões sobre o imperativo da felicidade / Organizador João Freire Filho. — Rio de Janeiro : Editora FGV, 2010. 296 p.